

INFORMAÇÃO E MEMÓRIA NA PERSPECTIVA DA TEORIA ATOR REDE

Resumo: O presente artigo objetiva analisar o fenômeno informação como elemento constitutivo da memória social, tendo como base a perspectiva antropológica da Teoria Ator Rede (TAR) ou *Actor Network Theory* (ANT). Trata-se, ainda, de refletir acerca dos componentes que formam a rede de atores e “actantes” como elementos constitutivos da memória social, considerando os pressupostos teóricos da ciência da informação. As reflexões iniciais sobre as interações no interior dos coletivos humanos e não-humanos permitiram a Latour considerar que essas trazem consigo vinculações capazes de causar mudanças, sobre as quais os distintos elementos nelas presentes se articulam, se afetam e são afetados. Assim, sistemas, objetos, organizações, relações constituídas na vida social confundem-se nesse panorama de interação, sem que um defina o outro, embora podendo atuar um sobre o outro, produzindo, dessa forma, informações que, imbricadas de significados, podem, no devir, serem analisadas como memória. Buscamos discutir como a TAR possibilita um olhar transversal à inter-relação informação/memória social, considerando o contexto teórico amplo, complexo e multifacetado em que se apresentam. Visamos, por fim, possibilitar o desenvolvimento das investigações sobre a dinâmica que envolve informação e memória, desafiando as discussões atuais e buscando outros sentidos e significados.

Palavras-chave: Informação. Memória. Relações sociais. Teoria Ator Rede.

Débora Adriano Sampaio
Doutora em Ciência da Informação
Universidade Federal do Cariri
Professora Adjunta da (UFCA)
debsampaio13@gmail.com

José Mauro Matheus Loureiro
Pós-Doutor em Antropologia Social
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UFRJ)
Professor Associado Universidadel do Estado do Rio de Janeiro
jmloureiro@gmail.com

INFORMATION AND MEMORY IN THE PERSPECTIVE OF THE ACTOR NETWORK THEORY

Abstract: This article aims to analyze the information phenomenon as a constituent element of social memory, based on the anthropological perspective of the Actor Network Theory. It is also a question of reflecting on the components that form the network of actors and "actantes" as constitutive elements of social memory, considering the theoretical assumptions of information science. The initial reflections on the interactions within the human and non-human collectives allowed Latour to consider that they bring with them links capable of causing change, on which the different elements present in them are articulated, affected and affected. Thus, systems, objects, organizations, relations constituted in social life are confused in this panorama of interaction, without one defining the other, although it can act on one another, producing in this way information that, imbricated with meanings, in the future, be analyzed as memory. We seek to discuss how the ANT allows a transversal view of the information / social memory interrelationship, considering the broad, complex and multifaceted theoretical context in which they present themselves. We aim to enable the development of investigations into the dynamics that involve information and memory, defying current discussions and seeking other meanings and meanings.

Keywords: Information. Memory. Social relationships. Actor Network Theory.

1 INTRODUÇÃO

O estudo a seguir apresentado tem como objetivo refletir acerca do fenômeno informação como elemento constitutivo da memória social, tomando por base a perspectiva antropológica da Teoria Ator Rede (*Actor Network Theory*). Trata-se, portanto, de refletir acerca dos componentes que incidem na formação das redes de humanos e não-humanos como elementos constitutivos da memória social, considerando os pressupostos teóricos da ciência da informação.

Ao refletirmos sobre os termos ‘informação’ e ‘memória’ observamos uma composição de relações, cuja característica principal é a amplitude de significados e sentidos que a eles podem ser atribuídos. Em sua essência, ambos os termos carregam variadas conceituações que ampliam cada vez mais seu espaço no cotidiano tornando-os, intrinsecamente ligados (FERREIRA, 2007).

No que tange aos quadros da memória, Candau (2011) sob uma perspectiva antropológica, propõe a taxonomia das diferentes manifestações da memória afirmando-a como essencialmente recordação ou reconhecimento, isto é: evocação ou invocação involuntária de lembranças autobiográficas ou pertencentes a uma memória enciclopédica, relativa aos saberes, crenças, tradições, sentimentos, dentre outros. Essa perspectiva permite observar a necessidade da informação em diferentes contextos sociais e a reafirmação do sujeito pensante traduzido na autoria de sua própria memória.

Dessa forma, a noção de memória amplia-se expressivamente, tendo em vista as transformações e comportamentos dos sujeitos compreendidos enquanto seres sociais imersos em um cenário sociocultural constituído de elementos heterogêneos e plurais, sejam eles elementos humanos e não humanos, como propõe noção de “rede” tal como proposta “Teoria Ator-Rede” (TAR). Essa teoria compreende a noção de ‘rede’ como uma formação dinâmica erigida por relações, fluxos e mediações. Assim, a “rede de atores” é formada por componentes conectados - atores e actantes¹ - que interagem entre si.

As reflexões iniciais sobre as interações no interior dos coletivos humanos e não-humanos, permitiram a Latour (1999) analisar que essas trazem consigo vinculações capazes de produzir mudanças em que os distintos elementos nelas presentes se articulam, se afetam e são afetados. Assim, sistemas, objetos, organizações, relações estabelecidas na vida social

¹ Todos os elementos não-humanos que constituem e participam da rede (LATOUR, 2005).

confundem-se nesse cenário de interação, sem que um determine o outro, embora podendo atuar um sobre o outro, produzindo, dessa forma, informações que, imbricadas de significados, podem, no devir, ser analisadas como memória.

2 A TEORIA ATOR REDE: PRESSUPOSTOS CIENTÍFICOS E CONCEITUAIS

A Teoria Ator-Rede (TAR), com o nome original *Actor Network Theory* (ANT), conhecida também como “Sociologia da Translação” (LATOUR, 2005), teve início em meados do ano de 1980, com os trabalhos de Bruno Latour, Michel Callon e John Law. Originou-se na Sociologia da Ciência e da Tecnologia tendo como pressuposto que as relações sociais se constituem de elementos humanos e não-humanos (atores e actantes).

Dessa forma, os elementos que constituem a rede se estabelecem na vida em sociedade, desordenando-se em um panorama de intercâmbio. Sob a perspectiva da TAR, sujeitos e objetos (humanos e não humanos) exercem influências significativas mútuas nos modos de ação podendo sofrer alterações e estabelecendo uma troca de influências. Baseia-se, na percepção da prática científica em rede, buscando uma compreensão maior da complexidade dessa atividade em seus contextos de produção (LATOUR, 2000).

A rede, contudo, não é constituída “apenas” de discursos, imagens representadas e/ou linguagem, entretanto, pode ser desdobrada por meio dos objetos que ainda não encontraram seu lugar, estabilizando-se, ou, que simplesmente não possuem lugar nessa divisão tradicional, os híbridos. A caoticidade, sobretudo, é o que a caracteriza e estabelece no mundo, de forma a transgredir a ordenação da sociedade, considerando a multiplicidade das coisas no tempo e no espaço. Há uma fragmentação² entre espaço e tempo. O tempo passa a ser compreendido, portanto, como social. Um tempo sincrônico em permanente recomeço, pois o social não é ordenável, mas dinâmico, questionável e incerto.

Corroborando com essa visão, Mol (2007, p. 16) esclarece que “[...] a multiplicidade implica que embora as realidades possam ocasionalmente colidir umas com as outras, noutras

² Em oposição ao conceito de sistema, Deleuze e Guatarri (1995) propõem o conceito de “rizoma”. Metáfora advinda da botânica e aplicada à filosofia, assume um caráter ontológico, apontando para a compreensão de uma raiz com crescimento diferenciado e polimorfo, que cresce sem direção clara e definida, trata-se de linhas e não de formas, sem que existam caminhos certos ou pré-definidos, sem começo ou fim, encontrando-se sempre no meio, entre as coisas, promovendo sempre uma aliança, com entradas múltiplas, sem centro, podendo tomar qualquer direção e forma: “riacho sem início nem fim, que rói suas duas margens e adquire velocidade no meio” (*ibid*, p. 73).

alturas, as várias performances de um objeto podem colaborar e mesmo depender umas das outras”. As redes se tecem assim, à medida que as relações são constituídas. Sujeitos e objetos exercem influências significativas uns sobre os outros no curso das ações sofrendo alterações em determinado tempo e espaço, perpetuando, dessa forma, a troca de influências. Sob essa ótica destaca, ainda, o não reconhecimento da heterogeneidade como uma característica que tende a ser diferente entre aqueles que são e os que não são privilegiados (STAR, 1991), ignorando a desigualdade quanto à distribuição de oportunidades no contexto da sociedade (REED, 1997).

Encontramos, assim, aquilo que se denomina uma “rede sociotécnica” caracterizada não somente por aspectos topológicos, mas, especialmente, ontológicos³. Nesse âmbito, a rede é composta por fluxos, conexões e permutas, apresentando sempre múltiplas entradas e saídas. Na perspectiva da rede, todos são atores, não só os humanos, mas também os não-humanos, já que não existe uma hierarquização entre os entes, são produzidos e se produzem a cada momento. As múltiplas conexões produzidas possibilitam que um “feito” se transforme em um “fato”⁴. Ao se deparar com um fato científico, os pesquisadores instituem no laboratório um “parlamento”, onde se fala em nome das coisas, fazendo uma analogia ao que acontece no âmbito da política, em que o governante fala em nome do povo. Em ambos os casos, o que ocorre são traduções (LATOUR, 2009).

A tradução, nesse aspecto, é empregada como uma terminologia intrinsecamente dinâmica, cuja sua forma de existir é reconstruir-se constantemente. Desse modo, Law (2006) destaca que as traduções podem ser também “traições”, à medida que não é possível traduzir fielmente, pois, toda tradução modifica algo do texto original. Traduzir significa deslocar objetivos, interesses, dispositivos, seres humanos. Implica desvio de rota, invenção de um elo que antes não existia e que de alguma maneira modifica os elementos interconectados. As cadeias de tradução referem-se ao trabalho pelo qual os atores modificam, deslocam e transladam os seus vários e contraditórios interesses (FREIRE, L. L., 2006, p. 51). É no âmbito da “tradução” que se dão os embates pela primazia dos ordenamentos sociais e as resistências.

O processo de tradução é composto por quatro diferentes momentos: problematização, interesse, envolvimento e mobilidade dos aliados, durante os quais é negociada a descrição e

³ Demo (2012, p. 43), nesse contexto, conceitua ontologia como “visão ou percepção da realidade (como imaginamos que a realidade é), sem maiores pretensões filosóficas, sinalizando que essa visão estaria mudando claramente, deixando para trás o paradigma positivista [...]”.

⁴ É importante destacar que as palavras ‘fato’ e ‘feito’, em francês, tem a mesma representação, “*fait*”.

identidade dos atores os quais partilham um objetivo em comum e constroem uma rede de relações a fim de alcançar seus objetivos (LATOURE, 2005).

Sob esse ponto de vista, não há um *locus* privilegiado para se discorrer sobre as coisas, pois, as entradas e conexões que compõem os fatos são múltiplas, nada possui uma essência, um núcleo imutável. A rede é, portanto, a-centrada e sem forma pré-definida, já que poderá se configurar e se desconfigurar por meio de oscilações, fluxos, conexões e interações entre os atores e actantes⁵. O foco é, portanto, a criação e manutenção de redes co-extensivas de humanos e não humanos que, no caso das ciências sociais, são identificados por seres humanos racionais, irracionais, objetos animados e inanimados. Privilegiando o princípio da simetria⁶ generalizada, entre elementos que exercem influência mútua tem como consequência uma ontologia de muitas entradas e conexões, constituindo uma multiplicidade de relações complexas.

Assim, a TAR propõe que a “realidade” seja uma rede, inacabável e aberta, dinâmica e interativa de atores que se entrelaçam, se confrontam e se confundem infinitamente e, portanto, sendo consequência dessa rede, a ciência não deve se manifestar como um repertório de verdades finitas (DEMO, 2012).

Nesse cenário, os objetos são percebidos como atores no pacto das entidades, juntamente com os humanos, estabelecendo uma ontologia onde a realidade é tomada como dinâmica complexa não-linear em formação constante, cujos entes atuam em um ambiente recíproco, de forma igualitária, porém, rival, formando e deformando outros objetos e a si mesmos. Law (2006) aponta, ainda, para uma dialética produtiva, sugerindo que os objetos se relacionam e se recriam na natureza, numa interação constante. O ser humano não é descartado é tão somente tomado como um “objeto” da natureza.

Os acontecimentos e coisas não são lineares, o mundo não é linear e sim fragmentado. Dessa maneira, não se deve apreender a humanidade de modo linear, mas perceber a unidade da raça humana, formada não pelas semelhanças e sim pela diversidade e diferenças. Deve-se tratar de todas as coisas no âmbito do social e do mundo natural como um efeito contínuo gerado por meio das teias de relações dentro das quais estão localizadas e caracterizadas pela

⁵ Uma vez que, em inglês, a palavra "actor" (ator) se limita a representar os humanos, Latour (2001) utiliza o termo "actant" (actante), tomado à semiótica, para incluir os elementos não-humanos na definição.

⁶ A noção de simetria foi também apresentada por Latour e Woolgar (1997) como sendo a base moral de um estudo etnográfico feito em um laboratório, o qual eles afirmaram ser duas vezes simétricos: aplica-se ao verdadeiro e ao falso, esforça-se por reelaborar a construção da natureza e sociedade (LATOURE; WOOLGAR, 1997, p. 24).

pluralidade. Cada sujeito, que compõe a rede, constitui-se um ator que é ao mesmo tempo uma rede, pois se constitui a partir das conexões e estabelece outras múltiplas vinculações além daquelas que já estão em foco. A partir dessa noção, a TAR propõe captar a realidade por intermédio de conexões que se fazem e refazem incessantemente por incontáveis mediadores, agentes humanos e não humanos, considerando a natureza heterogênea, os deslocamentos, incertezas, complexidades e ressignificações que se encontram reagregados como um todo no curso de uma ação. O foco das construções e relações sociais unicamente do elemento ‘humano’ desloca-se dos estudos centrados unicamente no elemento ‘humano’ para o social enquanto fruto da interação dos sujeitos com as demais materialidades que constituem a “realidade”, enfocando com igual atenção os elementos não-humanos sob uma perspectiva heterogênea. Analisar esses elementos sob o prisma da TAR é um modo de tentar compreender por quais meios um fenômeno difuso e complexo, constituído de humanos e não-humanos, torna-se uma rede (BLOOMFIELD; VURDUBAKIS, 1999).

Ao admitir o princípio da simetria, os discursos dissonantes são acolhidos de forma democrática e os conflitos são assumidos de modo a permitir a existência de ontologias múltiplas. Materiais heterogêneos são abordados como atores que se relacionam, constituem alianças e associações que derivam em redes de interação. Esses atores possuem a habilidade intrínseca de fazerem as coisas acontecerem, movimentar outros atores, sofrer influências e influenciar sem que exista intencionalidade ou acordo (DEMO, 2012). Não existindo modelo teórico para descrever ou antever o comportamento da rede, sublinha Latour (1993; 1999), é preciso seguir os atores. Assim, os atores e actantes, as mediações, suas práticas e correlações e as desarmonias dos discursos de todos os envolvidos no contexto analisado deverão ser considerados.

3 INFORMAÇÃO, MEMÓRIA E TEORIA ATOR-REDE: APROPRIAÇÕES CONCEITUAIS E CONVERGÊNCIAS

As configurações epistemológicas e conceituais da Ciência da Informação, de acordo com os cânones tradicionais, têm focalizado suas reflexões nos últimos anos, referenciadas à multiplicidade interdisciplinar e a amplitude do seu escopo teórico-conceitual.

Podendo ser considerada como uma disciplina⁷ de cunho científico e em constante revisão, a Ciência da Informação, na tentativa de estabelecer-se com outras disciplinas, vivencia “um período de rupturas paradigmáticas e epistemológicas, adotando outras características a partir das transformações ocorridas no decorrer do século XX (WERSIG, 1993; PINHEIRO, 1995; LOUREIRO, 1999).

A delimitação do campo da Ciência da Informação, desde a década de 1960, tem por fundamento basicamente o conceito de ‘informação’ e a definição das relações interdisciplinares estabelecidas a partir do desenvolvimento dos processos tecnológicos, bibliográficos, documentários e informacionais (SOUZA, 2013). Nesse empreendimento voltado para a delimitação da área foram encontrados inúmeros conceitos de informação nas mais variadas áreas de conhecimento (SHERA; CLEVELAND, 1977).

Os conceitos de informação que encontramos na Ciência da Informação revelam uma diversidade perceptiva em virtude das associações científico-contextualistas dos estudiosos, sendo alguns de cunho mais epistemológico (conceituam a informação a partir dos fundamentos da teoria do conhecimento científico), técnico (ligado às atividades pragmáticas da CI) ou humano (vinculado à atividade de práticas humanas da informação no âmbito dos usuários da informação) e, possivelmente, associados aos três contextos, visando compreender uma engrenagem generalista do conceito de informação na Ciência da Informação (SILVA; GOMES, 2015, p. 146).

3.1 INFORMAÇÃO: O CONCEITO QUE NOS FUNDAMENTA

A informação de que trata a área da Ciência da Informação, de acordo com Pinheiro e Loureiro (1995, p. 6), “não está mais confinada à Ciência, portanto, não apenas informação científica, mas de muitas naturezas, tanto quanto a capacidade do homem gerá-la, tendo como nucleador a cultura”. Compreendida como uma totalidade, um conceito nucleador, a cultura é o primeiro momento de construção conceitual da informação, como artefato, ou como processo que alimenta as maneiras próprias de ser, conceber e estar em sociedade (MARTELETO, 1995).

As relações entre as forças produtivas e o desenvolvimento do conhecimento científico se tornaram mais objetivas e concretas e, assim, a informação adquiriu nova relevância e novos

⁷ Segundo Morin (2000), “disciplina” compreende um conhecimento que aspira sua autonomia pela delimitação de suas fronteiras e seu domínio de objetivação, à diferença de outras disciplinas e abordagens, e que desenvolvem, para isso, uma linguagem própria, metodologias e técnicas específicas, conceitos e teorias.

contextos, no que concerne às trocas econômicas, políticas e culturais da sociedade capitalista (FREIRE, G. H. A., 2006). Dessa forma, a informação opera enquanto “regulador” da vida cotidiana, perpassando por todos os espaços e agindo sobre todas as esferas das atividades sociais, tornando-se condição *sine qua non* para o desenvolvimento da sociedade, sendo determinante para o estabelecimento das instituições, para a consolidação das pesquisas e para a soberania das nações, repercutindo diretamente no modo de vida dos sujeitos e de suas diversas práticas.

Nesse aspecto, podemos considerar que a informação se concretiza por meio da mediação entre humanos e objetos, ao passo que eles são apreendidos por nossos sentidos, ou seja, as coisas materiais e sensíveis são percebidas, a partir do momento em que são alcançadas pelo sentido e se tornam inteligíveis pelo intelecto. Compreendemos, desse modo, que a apreensão humana ocorre simplesmente por meio do intelecto nem meramente através dos sentidos, mas a partir de uma integração dos dois.

Sob o ponto de vista do paradigma social, Capurro (1991) entende que a sua principal característica é o fato dos processos informacionais se constituírem socialmente. Esse paradigma tem suas origens na obra de Shera, oriundas da década de 1970, com a discussão sobre epistemologia social. Atualmente representado pelas teorias de Bernd Frohmann, Birger Hjørland, Rafael Capurro e Søren Brier. É importante destacar a ampliação do entendimento sobre epistemologia social a conceitos que só há pouco surgiram no âmbito das ciências humanas e sociais – como paradigma, epistême, noosfera, formação discursiva, redes sociais, redes sociotécnicas, comunidade científica, tecnologias intelectuais, metrologia, inteligência coletiva e inteligência distribuída, entre outros – produz de imediato notáveis desdobramentos em seu plano conceitual, favorecendo a observação de conexões e solidariedades que lhe atribuem substância e consistência, desdobrando as possibilidades de sua utilização em distintas direções (ODDONE, 2007).

O conceito de informação, segundo Buckland (1991) é, em si mesmo, conflitante, múltiplo e empregado de diferentes formas, o que é irônico uma vez que tem a ver com tornar informado e com a diminuição das incertezas. Desse modo, o autor destaca os principais usos do termo informação: 1) informação como processo: corresponde ao ato de informar; quando alguém é informado, o que se sabe é transformado, havendo uma mudança de mentalidade. Nessa perspectiva “informação é o que é capaz de transformar estruturas” (BELKIN; ROBERTSON, 1976, p. 178); 2) Informação como conhecimento: compreende o conhecimento

comunicado a respeito de algo; significa informação como processo; 3) Informação como coisa: usada para designar objetos, assim como dados e documentos, porque são considerados artefatos permeados de informação. Latour (2005) amplia a percepção do terceiro conceito, tomando por base, a noção de “coisa”, advinda de Heidegger (1971), para ele, quando representamos uma coisa como objeto separado ou veículo vazio, a aniquilamos, rebaixamos de coisa susceptível à investigação para algo sem denotação alguma, um mero objeto. De acordo com Latour, no cenário das relações em rede, objetos, tecnologias, pessoas, animais e textos são considerados como partícipes atuando juntamente com grupos e instituições na constituição do mundo a nossa volta, numa conjuntura colaborativa. Latour (2004, p. 11) aponta, ainda, que a tensão é uma das propriedades da rede, juntamente com o fluxo, a velocidade e a intensidade. É apenas quando seguimos os traços da circulação de informação, cruzamos a distinção usual entre os signos e a realidade: “viajamos não apenas no mundo, mas também nas diferentes matérias de expressão”.

É a partir das redes que as conexões são constituídas e tornam-se responsáveis pelo intercâmbio de opiniões, valores e conceitos diversos. Como destaca Elias (1994, p. 35) “as redes estão em constante movimento, como um tecer e destecer ininterruptos das ligações”. Nesse cenário, a noção de rede vem se consolidando, e se constituindo enquanto um espaço de troca e disseminação da informação, dando um novo foco as redes sociais de informação, onde os sujeitos se desenvolvem e as relações com o tempo e o espaço se transformam e se expandem.

Seguindo esse pensamento, Demo (2012) reflete que se antes os objetos sempre foram socialmente constitutivos, hoje com a ampla demanda das novas tecnologias digitais e sua invasão em diferentes ambientes, sua contribuição para a mudança social é ainda mais flagrante. Nesse sentido, pessoas e objetos se superpõe ou se entrelaçam uns nos outros, “humanos e atuantes não humanos estão em relação coconstitutiva” (THOMPSON, 2011, p. 160).

Mikhailov (1980, p. 75) aborda essa questão ao conjecturar que a “informação é como um reflexo no espelho de algum objeto, um reflexo que só existe se houver espelho”, destacando como uma propriedade da informação, essa relação com o universo material, presente e influente nas relações constituídas no seio da sociedade.

Nessa perspectiva, a leitura antropológica da informação, conforme Marteleto (1995, p. 7), seu processo de construção como objeto só se complementa, quando se levam em conta concretamente, tanto as estruturas materiais e simbólicas de um dado universo cultural (objetos), quanto às relações, práticas e representações dos sujeitos cada vez mais mediadas por

um modo informacional e competente de ser e estar em sociedade, essas, por sua vez, influenciadas diretamente por esses objetos. Informação diz respeito não apenas ao modo de relação dos sujeitos com a realidade, mas também aos artefatos criados pelas relações e práticas sociais. Fenômeno de complexa configuração ou previsão, seja ela entendida como processo ou produto, é sempre uma “probabilidade de sentido” (MARTELETO, 1995, p. 2). Segundo a autora, é de suma importância que o pesquisador, ao analisar as práticas informacionais em uma sociedade como a nossa, lembrar que ela está, como outras, constituída de sentidos e significados vários, susceptível a conflitos, influências e percepções variáveis.

Entretanto, Latour (2004) se aproxima da noção de informação sob a qual pretendemos desenvolver essa reflexão, quando afirma que a informação permite limitar-se à forma, sem o embaraço da matéria. Ou seja,

informação não é uma “forma” no sentido platônico do termo, e sim uma relação muito prática e muito material entre dois lugares, o primeiro dos quais negocia o que deve retirar do segundo, a fim de mantê-lo sob sua vista e agir à distância sobre ele. Em função, [por exemplo], do progresso das ciências, da frequência das viagens, da fidelidade dos desenhistas, da amplitude das taxionomias, do tamanho das coleções, da riqueza dos colecionadores, da potência dos instrumentos, poder-se-á retirar mais ou menos matéria e carregar com mais ou menos informações veículos de maior ou menor confiabilidade. A informação não é inicialmente um signo, e sim o “carregamento”, em inscrições cada vez mais móveis e cada vez mais fiéis, de um maior número de matérias. Impossível compreendê-la sem se interessar pelas instituições que permitem o estabelecimento dessas relações de dominação, e sem os veículos materiais que permitem o transporte e o carregamento (LATOURE, 2004, p. 40; 41).

Para Latour (2004), a informação não é um signo, mas, uma relação fundada entre dois espaços, o primeiro, chamado de periferia, e o segundo, que se constitui um centro, com a condição de que entre os dois seja circundado por um veículo que designamos, muitas vezes, de forma, mas que, por conta de seu aspecto material, o chama de inscrição. Parente (2004), seguindo esse pensamento, acrescenta que é impossível compreender as redes sem reconhecer as instituições, os veículos materiais e os atores que intermediam a relação entre periferia e centro das redes. Compreendida como entidade eminentemente relacional, intensamente imersa na rede de conexões, característica da atividade científica, “a informação, dá forma ao perpétuo movimento entre o mundo exterior – as periferias – e as instituições e indivíduos privilegiados que se encontram reunidos em alguns pontos da rede, onde se constituem os centros” (ODDONE, 2007, p. 20).

Por conseguinte, Latour admite que para compreender um centro é necessário, *a priori*, entender o alcance da rede de transformações⁸ que liga cada inscrição ao mundo, e que liga, em seguida, cada inscrição a todas as que se constituíram comensuráveis a ela pela gravura, o desenho, o relato, o cálculo ou, mais recentemente, pelas tecnologias digitais. Desse modo, não é possível situar qualquer informação sem a compreensão da rede das instituições, dos aparelhos e dos técnicos e técnicas que asseguram as cópias alternativas da redução e da amplificação.

Analisar as questões informacionais da contemporaneidade é considerado um desafio expresso, de forma fundamental, pelos mais abrangentes usos e conceitos que podem ser associados ao termo informação. Contudo, embora esteja intensamente presente em todos os contextos da sociedade, no cenário das relações humanas e não-humanas, pouco se compreende sobre informação. Em determinadas conjunturas, compreendida como fenômeno, em outras, como processo. O que ocorre é que a informação se mostra como um conceito impossível de ser apreendido na totalidade, pois vai além de qualquer tentativa de compreensão genérica que, frequentemente, produz uma complexidade de enfoques e decompõe o conhecimento que se obteria a partir do fenômeno da informação.

3.2 INFORMAÇÃO, MEMÓRIA SOCIAL E TAR: CONEXÕES E INTERFACES

As percepções acerca da informação e da memória social desdobram-se em inúmeras conceituações, componentes de um quadro de significados dispersos que encontram seus modos de expressão em atitudes, interações, intervenções, formas simbólicas, objetos, dentre outros. Assim, a memória é um produto abundante de informações, construído ou inventado, acumulado, documentado e comunicado a partir das relações e experiências no interior dos coletivos sociais. Os diferentes coletivos humanos ressignificam e, por conseguinte, transformam, permanentemente no tempo e no espaço, essas memórias, a partir de contextos sociais específicos onde interagem e onde se afetam humanos e não-humanos, cada vez mais permeado de informações. Nessa direção, Latour (2004) propõe que os híbridos, ou seja,

⁸ De acordo com Latour (2004, p. 55), redes de transformações fazem chegar aos centros de cálculos, por uma série de deslocamentos – redução e amplificação -, um número cada vez maior de inscrições. Essas inscrições circulam nos dois sentidos, único meio de assegurar a fidelidade, a confiabilidade, a verdade entre o representado e o representante. Como elas devem ao mesmo tempo permitir a mobilidade das relações e a imutabilidade do que elas transportam, para distingui-las bem dos signos. Com efeito, quando as seguimos, começamos a atravessar a distinção usual entre palavras e coisas, viajamos não apenas no mundo, mas também nas diferentes matérias da expressão. Uma vez nos centros, outro movimento se acrescenta ao primeiro, que permite a circulação de todas as inscrições capazes de trocar entre si algumas de suas propriedades.

humanos e não-humanos, não se instituem sobre a negação do passado e o que lhe confere condição de existência são os múltiplos tempos que neles permanecem. Ou seja, diversas faces, variadas possibilidades e encontros. E, talvez, como analisa Evres (2002, p. 65-66), esse seja, também, um caminho para que se pense não uma “memória-verdade” legitimada pelos objetos, sejam objetos da natureza ou da cultura, mas uma memória que admita o risco e fragilidade, uma memória multifacetada. Assim, “muito mais do que procurar por uma contextualização entre sujeito, objeto sociedade, natureza e memória, participariam simetricamente da relação e seriam constituídos a partir dela”.

Nesse contexto, memória social se constitui a partir do presente, dialogando sempre com os objetos que recortamos ao longo do tempo e localizados em espaços diversos, que refletem a condição do conhecimento materializado na contemporaneidade, os quais tem a função de agentes de informação, desconstruindo e construindo significados instituindo-se enquanto referência simbólica. De acordo com Braga (2000), tanto os signos simbólicos (expressões orais e escritas), quanto os signos icônicos (imagens desenhadas ou esculpidas), podem constituir suporte para a construção da memória social, podendo ancorar-se em diversos instrumentos como o texto, a voz (comunicação oral), os sons, a imagem etc.

É importante destacar, desse modo, a noção do objeto gerador, porquanto, as culturas produzem e, ao mesmo tempo, “consomem” esses objetos, que estão presentes e são reconstruídos a todo momento. A reflexão que envolve os objetos possibilita a percepção de que dos objetos são, também, personagens nesse cenário, constituindo-se actantes, geradores de múltiplas significações, a partir dos quais, se tornam possíveis diferentes leituras sobre memória social, pois estão acometidos por uma dimensão simbólica.

A poética dos objetos reside no tempo, nas marcas do uso, da falta de uso ou nas fendas do abuso. É por isso que sentimos o que é novo, assim como imaginamos o tanto de décadas ou séculos que possui determinado objeto [...]. Quantos segredos inconfessáveis [...], e tantas outras cargas de sentimentos e conflitos [...], tensões as mais íntimas e de caráter social (LOPES; KUNZ, 2002, p. 31).

Nessa perspectiva, a informação entra, nesse panorama, indo ao encontro do caráter material e imaterial dos objetos construídos e instalados no seio da sociedade. E, assim, podemos considerar que a memória social não se constitui exclusivamente a partir de um registro histórico dos fatos, mas é um ajuste das construções sociais em momentos determinados, sob aspectos materiais e imateriais, porém, não delimitados, incluindo fatores significantes da vida social do presente, sendo permanentemente reconstruída, pois sofre

transformações à medida que o tempo passa e que a história dos sujeitos toma um novo rumo (MORIGI; ROCHA; SEMENSATTO, 2012).

Nesse contexto, o passado coopera de forma concreta para sermos o que somos. Contudo, é importante destacar que a memória social não está exclusivamente no passado, trazida para o presente pela recordação, mas, se desconstrói e se refaz no presente, considerando o cenário onde sistemas, objetos, organizações, relações de poder e vida social se confundem constituindo relações de interação sem que um determine o outro, embora tendo o poder de atuar um sobre o outro, produzindo, dessa forma, diferentes significados.

Sobretudo, é relevante destacar que encontramos também, no âmbito da Ciência da Informação, enfoques que analisam a inter-relação entre memória social e informação, tendo em vista que:

[...] informação é um conjunto de elementos selecionados pelos sujeitos, dentre uma imensa variedade de itens existentes no mundo exterior. Como um embrião, a informação forma e contém (informação). A repetição dessas impressões [conservadas], ao longo do tempo, encarrega-se de transformar itens selecionados de informações em marcas, traços que constituem o que, convencionalmente, chamamos memória. A memória então conserva as informações que vão sendo postas num processo de seleção. [...] nesse sentido, as informações retidas, que passaram pelo filtro individual (que é também social) são organizadas e recriadas no presente, dentro de um processo dinâmico (COSTA, 2006, p. 17).

Nessa direção, temos assim uma compreensão sociologizante que nos permite relacionar agentes, máquinas, organizações em uma relação de interação no interior da conjunção memória social/informação. Assim, atores e actantes só se definem em relação uns aos outros, considerando que os organismos da ordem social não se tornam completos e autônomos diante da complexidade da rede em que se constituem essas conexões. Desse modo, não existiria uma única ordem social, com padrões definidos e relações estáveis, mas um conjunto de ordens e resistências. Nesse contexto, a noção de memória social está intensamente ligada com as relações sociais, a reelaboração e ressignificação do passado que o presente lhe confere. Nessa perspectiva, memória social e informação encontram-se imersas em uma teia relacional composta por humanos e não-humanos que nos permitem conceber as associações dos elementos que compõem o tempo e o espaço no interior daquilo que denominamos social. Porém, analisar a inter-relação memória social/informação sob esse enfoque, pode ser considerado um desafio para as ciências humanas e sociais, especialmente, no campo da Ciência da Informação. Porquanto, essa teoria desloca o foco estável das relações sociais, para o instável. A proposta de entendimento da constituição do social a partir da heterogeneidade e da

constituição de redes na quais interagem igualmente humanos e não-humanos, contraria frontalmente as perspectivas das análises e interpretações positivistas sobre a ideia de memória. Dessa forma, apesar da multiplicidade de fatores e conceitos envolvidos, as questões polêmicas trazidas por essa abordagem configuram-se fundamentais para a formação de novos olhares sobre a construção social da memória.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscamos nessa abordagem, discutir como a ANT nos possibilita um olhar transversal à ANT sobre informação e memória, considerando o contexto teórico complexo e multifacetado em que se apresentam. Apesar da variedade de fatores e conceitos envolvidos, as questões abordadas pela ANT configuram-se como fundamentais para essa compreensão. A memória social é uma categoria que se desdobra em diferentes conceitos introdutórios e gerais das ciências sociais, contudo, essa amplitude é influenciada a partir do momento em que os componentes da rede, atores e actantes são compreendidos como elementos essenciais dessa construção.

Essa discussão preliminar é uma tentativa de expandirmos as nossas leituras sobre a dinâmica que envolve informação e memória, de forma a desafiar os debates atuais a buscar outros sentidos e significados que podem ser conferidos na perspectiva da ANT. Expandir e problematizar as discussões sobre memória é algo imprescindível e pertinente para os dias atuais, permitindo, assim, contrariar as ações e propostas oficiais e positivistas através das quais a memória social é, por vezes, compreendida.

A questão da memória social e suas transformações diante dos novos costumes da sociedade têm sido densamente debatidas na atualidade. A compreensão sobre memória social, embora considerada, inicialmente, sob uma perspectiva histórica, está assinalada, também, pelo caráter livre, onde lembrar não está mais relacionado simplesmente ao “reviver”, mas ao “refazer”, ao repensar, com conceitos de hoje as experiências do passado, considerando o atual cenário sociocultural. O passado é, assim, um elemento essencial das pessoas, artefatos, instituições e valores que regem a sociedade humana, abaliza a memória, as representações e identidades ao longo do tempo, a partir de processos inconscientes no cerne das relações sociais.

REFERÊNCIAS

- BELKIN, N. J.; ROBERTSON, S. E. Information science and the phenomenon of information. **Journal of the American Society for Information Science**, [s. l.], v. 27, n. 4, p. 197-204, jul./ago. 1976. Disponível em: <<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/asi.4630270402/epdf>>. Acesso em: 12 fev. 2018.
- BLOOMFIELD, B. P.; VURDUBAKIS, T. The outer limits: monsters, actor networks and the writing of displacement. **Organization**, [s. l.], v. 6, n. 4, 1999.
- BRAGA, E. S. **A construção social da memória: uma perspectiva histórico-cultural**. Ijuí: Unijuí. 2000.
- BUCKLAND, M. K. Information as thing. **Journal of the American Society for Information Science**, Nova Iorque, v. 45, n. 5, p. 351-360, 1991. Disponível em: <[http://skat.ihmc.us/rid=1KR7VC4CQ-SLX5RG-5T39/BUCKLAND\(1991\)-informationasthing.pdf](http://skat.ihmc.us/rid=1KR7VC4CQ-SLX5RG-5T39/BUCKLAND(1991)-informationasthing.pdf)>. Acesso em: 14 fev. 2018.
- CANDAU, J. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2011.
- CAPURRO, R. Foundations of information science: review and perspectives. In: INTERNATIONAL CONFERENCE ON CONCEPTIONS OF LIBRARY AND INFORMATION SCIENCE, 1991, Tampere, Finland. **Proceedings [...]** Tampere, University of Tampere, 1991. Disponível em: <<http://www.capurro.de/tampere91.htm>>. Acesso em: 14 fev. 2018.
- COSTA, I. T. M. Informação, memória e história: a instituição de um sistema de informação na corte do Rio de Janeiro. **Rev. Eletr. Bibliotecon. Ci. Inf.**, Florianópolis, n. especial, p. 15-26, 2006. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/download/1518-2924.2006v11nesp1p15/383>>. Acesso em: 15 fev. 2018.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2**. São Paulo: 34, 1995. v. 1.
- DEMO, P. **Ciência rebelde: para continuar aprendendo, cumpre desestruturar-se**. São Paulo: Atlas, 2012.
- ELIAS, N. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- EVRES, A. C. L. B. Patrimônio e memória: uma visão da ideia de natureza no espaço museológico. In: COSTA, I. T. M.; ORRICO, E. G. D. **Memória, cultura e sociedade**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2002. p. 56-67.
- FERREIRA, Arthur A. L. Para além dos fundamentalismos epistemológicos: o encontro de Michel Foucault e Bruno Latour na construção diferencial de um mundo comum. **Aulas**, n. 3, dez. 2006/mar. 2007.

FREIRE, G. H. A. Ciência da Informação: temática, histórias e fundamentos. **Perspectivas em Ciência da Informação**, [s. l.], v. 11, n. 1, p. 6-19, jan./abr. 2006.

FREIRE, L. L. **Seguindo Bruno Latour**: notas para uma antropologia simétrica. Rio de Janeiro: COMUM, 2006.

HEIDEGGER, M. The thing. *In*: HEIDEGGER, M. **Poetry, language, thought**. New York: Harper & Row, 1971. p. 163-186.

LATOUR, B. An Interview with B. Latour. *In*: CRAWFORD, T. H. **Configurations**. The John Hopkins University Press, 1993.

LATOUR, B. **Ciência em ação**: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora. São Paulo: UNESP, 2000.

LATOUR, B. Como falar do corpo? A dimensão normativa dos estudos sobre a ciência. *In*: NUNES, J. A.; ROQUE, R. **Objectos impuros**: experiências em estudos sobre a Ciência. Porto: Edições Afrontamento, 2009.

LATOUR, B. On recalling ANT. *In*: LAW, J. e HASSARD, J. (Ed.). **Actor-Network Theory and after**. London: Blackwell, 1999. p. 15-25.

LATOUR, B. **Reassembling the social**: an introduction to Actor Network Theory. Oxford: Oxford University Press, 2005.

LATOUR, B. Redes que a razão desconhece: laboratórios, bibliotecas, coleções. *In*: PARENTE, A. (Org.). **Tramas da rede**: novas dimensões filosóficas, estéticas e políticas da comunicação. Porto Alegre: Sulina, 2004.

LATOUR, B.; WOOLGAR, S. **A vida de laboratório**: a produção dos fatos científicos. Rio de Janeiro: Relume Dumara, 1997.

LAW, J. Traduction/trahison: notes on ANT. **Convergencia**: Rev. de Ciencias Sociales, [s. l.], n. 42, p. 47-72, set./dez. 2006. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/pdf/105/10504204.pdf>>. Acesso em: 22 jan. 2018.

LOPES, R.; KUNZ, M. **Frei Tito**: em nome da memória. Fortaleza: Museu do Ceará, 2002. (Coleção Outras Histórias, n. 7).

MARTELETO, R. M. Cultura informacional: construindo o objeto informação pelo emprego dos conceitos de imaginário, instituição e campo social. **Ciência da Informação**, v. 24, n. 1, 1995.

MIKHAILOV, A. I. Estrutura e principais propriedades da informação científica. *In*: GOMES, H. E. (Org.). **Ciência da Informação ou Informática?** Rio de Janeiro: Calunga, 1980. p. 70-89.

MOL, A. A política ontológica: algumas ideias e várias perguntas. *In*: NUNES, J.; ROQUE, R. (Orgs.). **Objectos impuros**: experiências em estudos sociais da ciência. Porto: Edições Afrontamento, 2007. p. 63-78.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 2. ed. São Paulo: Cortez: Brasília, DF: UNESCO, 2000. p. 47-115.

MORIGI, V. J.; ROCHA, C. P. V.; SEMENSATTO, S. Memória, representações sociais e cultura imaterial. **Morpheus**; Revista Eletrônica em Ciências Humanas, [s. l.], ano 9, n. 14, 2012.

ODDONE, N. E. Revisitando a “epistemologia social”: esboço de uma ecologia sociotécnica do trabalho intelectual. **Ci. Inf.**, [s. l.], v. 36, n. 1, Brasília Jan./Abr. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-19652007000100008&script=sci_arttext&tlng=>. Acesso em: 20 fev. 2018.

PARENTE, A. Tramas da rede: enredando o pensamento da arte. **Cyber-Arte-Cultura**, [s. l.], p. 48-67, 2004. Disponível em: <<http://www.seminariosmv.org.br/textos/Andre%20Parente.pdf>>. Acesso em: 22 fev. 2018.

PINHEIRO, L. V. R. Campo interdisciplinar da Ciência da Informação: fronteiras remotas e recentes. *In*: PINHEIRO, L. V. R. (org.). **Ciência da Informação, Ciências Sociais e interdisciplinaridade**. Brasília; Rio de Janeiro: IBICT/DDI/DEP, 1995. p. 155-182.

PINHEIRO, L. V. R.; LOUREIRO, J. M. M. Traçados e limites da ciência da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 24, n. 1, p. 42-53, jan./abr. 1995.

REED, M. I. In praise of duality and dualism: rethinking agency and structure in organizational analysis. **Organization Studies**, [s. l.], v.18, n.1, 1997. Acesso em: 27 nov. 2017.

SHERA, J. H.; CLEVELAND, D. B. History and foundations of Information Science. **Annual Review of Information Science and Technology**, [s. l.], v. 12, p. 249-275, 1977.

SILVA, J. L. C.; GOMES, H. F. Conceitos de informação na Ciência da Informação: percepções analíticas, proposições e categorizações. **Inform. e Soc.; Estudos**, João Pessoa, v. 25, n.1, p. 145-157, jan./abr. 2015.

SOUZA, E. D. Configurações do campo da ciência da informação: pluralismo epistemológico e descentração interdisciplinar. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, [s. l.], v. 5, n. 1, 2013. Disponível em: <<http://inseer.ibict.br/ancib/index.php/tpbci/article/viewFile/63/104>>. Acesso em: 14 nov. 2017.

STAR, S. L. Power, technologies and the phenomenology of conventions: on being allergic to onions. *In*: LAW, J. A sociology of monsters? Essays on power, technology and domination. **Sociological Review Monograph**, London, n. 38, 1991. Disponível em: <https://learnit.itu.dk/pluginfile.php/95082/mod_folder/content/0/Star,Susan>

Leigh.Power,Technology,andthePhenomenologyofConventionsOnbeingallergictoonions(SociologyofMonsters,ch1).pdf?forcedownload=1>. Acesso em: 22 jun. 2017.

THOMPSON, T. L. Who's taming who? Tensions between people and technologies in cyberspace communities. *In*: DIRCKINCK-HOLMFELD, L.; HODGSON, V.; MCCONELL, D. (Ed.). **Exploring the theory, pedagogy, and practice of networked learning**. London: Springer, 2011, p. 157-172.

WERSIG, G. Ciência da informação: o estudo do conhecimento na pós-modernidade. **Information Processing & Management**, [s. l.], v. 29, p. 229-239, 1993.